

## O Comerciante, o Filho e os Três Mestres

Há histórias que se contam para ensinar números e datas.  
Outras, para ensinar a medir terras e mercadorias.  
Mas há histórias mais raras, escritas não no papel,  
e sim na memória dos que aprenderam a ver além das aparências.  
Esta é uma dessas histórias.  
Fala de um filho que, aos olhos do mundo, não se encaixava,  
mas que, aos olhos da vida, cabia inteiro.  
Pois há dons que não se contam em moedas,  
nem se pesam em balanças — e são justamente os que sustentam o mundo.

Havia, nos confins de um antigo reino da Europa, um comerciante de cabelos prateados e olhos cheios de cálculos. Sua fortuna crescia, mas também a sua idade, e com ela, uma preocupação: o único filho que lhe restara não se parecia com os outros rapazes.

O menino nascera em meio a dores e perda — pois no mesmo dia, sua mãe partira para as terras onde não se volta. Seus olhos amendoados brilhavam como pequenos lagos ao sol da manhã, e suas mãos, arredondadas e macias, eram um convite ao afeto. Na infância, todos achavam-no encantador; mas, à medida que os anos passavam, o pai percebia que o filho falava com dificuldade, precisava de óculos espessos e aprendia num compasso mais lento.

Temendo pelo futuro de seus negócios, o velho decidiu enviá-lo a um mestre famoso, que habitava em outra cidade. O primeiro mestre, ao recebê-lo, percebeu-lhe a condição e, sem encontrar livros ou métodos para ensiná-lo, inventou caminhos próprios: lia histórias, desenhava letras no pó, ensinava contas usando pedras do rio. E, no convívio, descobriu que o jovem possuía um tesouro que não cabia em livros — a lealdade, a honestidade e a pureza de coração.

Ao regressar, o pai testou-o com as contas do comércio. Como o filho não soube respondê-las, declarou:

— Perdemos um ano. Irás para outro mestre.

O segundo mestre também percebeu-lhe a diferença, mas encontrou no rapaz um solo já arado. Sem pressa, plantou novos saberes e colheu amizade. Ainda assim, ao voltar, o resultado com o pai foi o mesmo: reprovação e ira.

— Mais uma chance, e se falhares, deixarás de ser meu filho — disse o comerciante.

O terceiro mestre era homem de longa experiência e já havia guiado alunos como ele. Reconheceu-lhe de pronto a bagagem dos ensinamentos anteriores e dedicou-se a fortalecer-lhe a confiança. Ao fim de um ano, o despediu com orgulho.

Mas o retorno foi amargo. O pai, furioso pela terceira vez, ordenou que um servo o deixasse na floresta. O rapaz, no entanto, aprendera a orientar-se pelos caminhos, e voltou. Encontrou a casa nas mãos de um administrador contratado pelo pai, que havia partido em viagem. O homem desprezava o jovem, mas o rapaz possuía aliados — amigos discretos entre os empregados. Quando o administrador tentou roubar, foram esses amigos que o avisaram.

— Ficaremos juntos até meu pai voltar — disse o rapaz.

— Ao teu lado estaremos — responderam.

E assim foi. Quando o comerciante regressou e soube que o filho salvara os negócios e os empregos, as lágrimas caíram como chuva tardia sobre terra seca. Surpreendeu-se ao ver que os funcionários o respeitavam e obedeciam com alegria, pois o rapaz os tratava com atenção, alegria. Mantendo sempre uma conduta confiável e humana.

Foi então que comprehendeu: ainda que o filho não manejasse bem as contas, possuía o maior dos dons — a arte de cuidar de pessoas, de fazer florescer a boa vontade.

— Filho, a partir de hoje, o comércio é teu. Escolhe quem quiseres para cuidar das contas — disse o pai, rendido.

E o rapaz escolheu um contador amigo, digno de sua confiança. Assim, guiando com bondade e firmeza, conduziu a casa mercantil enquanto o pai repousava em paz, certo de que o verdadeiro valor de um homem não se mede por um único saber, mas pelo que ele é capaz de inspirar nos outros.

**Moral:** Quem só enxerga números pode perder a conta dos verdadeiros tesouros.